

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 11

STRI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Sanjaya conforta Dhritarashtra.	3
2	Vidura conforta Dhritarashtra, sobre aflição e morte.	5
3	Vidura fala sobre a cura da tristeza.	7
4	Vidura sobre nascimento, sofrimento e morte de todas as criaturas.	8
5	História de Brahmana na beira da cova, bebendo mel à beira da morte.	9
6	Explicação de símiles de Vidura.	10
7	Vidura sobre vínculos ao mundo. Analogia da carruagem.	10
8	Vyasa explica batalha como ordenada pelos deuses. Angústia de Dhritarashtra finalmente acalmada.	12
9	Sanjaya retorna a Dhritarashtra – discernimento removido.	14
10	Dhritarashtra sobe no carro – mulheres da casa seguem.	15
11	Encontra três Kurus retornando. Separam-se e seguem seus caminhos.	16
12	Encontro com Pandavas. Dhritarashtra enfurecido esmaga uma estátua de ferro de Bhima.	18
13	Krishna repreende Dhritarashtra.	19
14	Vyasa adverte Gandhari contra amaldiçoar os Pandavas.	20
15	Bhima questionado por Gandhari. Sua fúria causa uma ferida no dedo do pé de Yudhishtira.	21
16	Gandhari vê campo de batalha com visão divina. Mulheres lamentando.	23
17	Vê Duryodhana e lamenta.	26
18	Gandhari continua lamentando.	27
19	(Idem) vendo cada filho por vez.	29
20	Gandhari vê esposa de Abhimanyu chorando.	30
21	Gandhari vê Karna no chão.	31
22	Gandhari.	32
23	Gandhari vê heróis, incluindo Salya, Kripa com Drona.	33
24	Gandhari vê Bhurisravas, Sakuni.	35
25	Gandhari finalmente amaldiçoa Krishna a ver seus próprios parentes morrerem, e ele mesmo a morrer na selva depois de 36 anos.	36
26	Um bilhão, 660 milhões e 20 mil homens mortos; 240.165 escaparam. Queima dos mortos.	39
27	Todos vão ao Ganges e realizam rito com água. Pandavas sofrem por seu irmão Karna.	41

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Jalapradanika-parva)

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o principal dos seres masculinos, e a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Depois que Duryodhana tinha morrido e depois que todos os guerreiros também tinham morrido em batalha, o que, ó sábio, fez o rei Dhritarashtra ao receber a notícia? O que também fez o rei Kuru de grande alma Yudhishthira, o filho de Dharma? O que fizeram os três sobreviventes (do exército Kuru), isto é, Kripa e os outros? Eu ouvi tudo sobre as façanhas de Ashvatthama. Diga-me o que aconteceu depois daquela mútua pronúnciação de maldições. Conte-me tudo o que Sanjaya disse ao velho rei cego."

Vaisampayana disse, "Depois de ter perdido seus cem filhos, o rei Dhritarashtra, atormentado pela dor por causa disso, triste, e parecendo com uma árvore com seus ramos cortados, ficou oprimido pela ansiedade e perdeu seu poder de fala. Possuidor de grande sabedoria, Sanjaya, se aproximando do monarca, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Por que tu sofres, ó monarca? A dor não serve a nenhum propósito. Dezoito Akshauhinis de combatentes, ó rei, estão mortos! A terra se tornou desolada, e está quase vazia agora! Reis de diversos reinos, vindos de diversas regiões, unidos com teu filho (para ajudá-lo em batalha), todos sacrificaram suas vidas. Que agora os ritos fúnebres de teus pais e filhos e netos e parentes e amigos e preceptores sejam realizados na devida ordem."

Vaisampayana continuou, "Desprovido de seus filhos e conselheiros e de todos os seus amigos, o rei Dhritarashtra de grande energia de repente caiu por terra como uma árvore arrancada pelo vento."

"Dhritarashtra disse, 'Desprovido como eu estou de filhos e conselheiros e de todos os meus amigos, eu vou, sem dúvida, ter que vagar em tristeza sobre a terra. Que necessidade eu tenho agora da própria vida, deixado como fui por parentes e amigos e parecendo com uma ave com suas asas cortadas e afligido pela decrepitude? Sem um reino, sem parentes, e desprovido de visão, eu, ó tu de grande sabedoria, não posso mais brilhar sobre a terra assim como um luminar privado de seu esplendor! Eu não segui os conselhos de amigos, do filho de Jamadagni, do rishi celeste Narada, e do nascido na ilha, Krishna, quanto eles me ofereceram conselhos. No meio da assembléia Krishna me disse o que era para o meu bem, dizendo, 'Uma trégua (temporária) das hostilidades, ó rei! Que teu filho leve o reino inteiro! Dê somente cinco aldeias para os Pandavas!' Tolo que eu fui, por não seguir aquele conselho, eu sou agora obrigado a me arrepender tão dolorosamente! Eu não escutei os conselhos corretos de Bhishma. Ai, sabendo da morte de Duryodhana cujos rugidos eram tão profundos como os de um touro, sabendo também da morte de Duhshasana e da extinção de Karna e do por do sol-Drona, o meu coração não se parte em pedaços. Eu, ó Sanjaya, não me lembro

de qualquer má ação cometida por mim nos tempos passados, cujas consequências, tolo que eu sou, eu estou sofrendo hoje. Sem dúvida, eu cometi grandes pecados em minhas vidas passadas, pelos quais o Ordenador Supremo estabeleceu que eu sofresse tal medida de dor. Esta destruição de todos os meus parentes, este extermínio de todos os meus benquerentes e amigos, nesta velhice, vem sobre mim pela força do Destino. Que outro homem há sobre a terra que esteja mais afligido do que a minha pessoa desventurada? Já que é assim, que os Pandavas me vejam neste dia firmemente resolvido a me dirigir para o longo caminho que leva às regiões de Brahman!"

Vaisampayana continuou, "Enquanto o rei Dhritarashtra lamentava dessa maneira, Sanjaya se dirigiu a ele nas seguintes palavras para dissipar sua aflição, 'Livre-te da tua dor, ó monarca! Tu ouviste as conclusões dos Vedas e o conteúdo de diversas escrituras e escritos sagrados, dos lábios dos antigos, ó rei! Tu ouviste aquelas palavras que os sábios disseram a Sanjaya enquanto o último sofria por causa da morte de seu filho. Quando teu filho, ó monarca, contraiu o orgulho que é nascido da juventude, tu não aceitaste os conselhos oferecidos a ti pelos teus benquerentes. Desejoso de frutos, tu, por avareza, não fizeste o que era realmente para o teu benefício. Tua própria inteligência, como uma espada afiada, te feriu. Tu geralmente agradaste aqueles de mau comportamento. Teu filho teve Duhsasana como seu conselheiro, e o filho de alma perversa de Radha, e o igualmente perverso Sakuni e Citrasena de mente tola, e Salya. Teu filho (por seu próprio comportamento) fez o mundo inteiro seu inimigo. Teu filho, ó Bharata, não obedeceu às palavras de Bhishma, o venerável chefe dos Kurus, de Gandhari e Vidura, de Drona, ó rei, de Kripa, o filho de Sharadvata, do poderosamente armado Krishna, do inteligente Narada, e de muitos outros rishis, e do próprio Vyasa de energia incomensurável. Embora possuidor de coragem teu filho tinha pouca inteligência, era orgulhoso, sempre desejoso de lutar, mau, indisciplinado, e descontente. Tu és possuidor de erudição e inteligência e és sempre sincero. Aqueles que são tão íntegros e possuidores de tal inteligência como tu nunca são entorpecidos pela dor. A virtude não era considerada por algum deles. Batalha era a única palavra em seus lábios. Por isso a classe Kshatriya foi exterminada e a fama de teus inimigos aumentada. Tu ocupaste a posição de um árbitro, mas tu não proferiste uma palavra de conselho salutar. Inadequado como tu eras para a tarefa, tu não seguraste os pratos da balança equilibradamente. Toda pessoa deve, no início, adotar tal linha de ação benéfica para que não tenha, ao fim, que se arrepender de alguma coisa já feita por ela. Por afeição por teu filho, ó monarca, tu fizeste o que era agradável para Duryodhana. Tu és obrigado a te arrepender por isso agora. Não cabe a ti, no entanto ceder à angústia. O homem cujos olhos estão dirigidos somente para o mel sem serem dirigidos uma vez para a queda, encontra a destruição por sua avareza pelo mel. Tal homem é obrigado a se arrepender assim como tu. O homem que se entrega à aflição nunca ganha prosperidade. Por se afligir uma pessoa perde os resultados que deseja. A tristeza é também um obstáculo para a aquisição de objetos caros a nós. O homem que cede à tristeza perde até sua salvação. O homem que esconde um carvão ardente dentro das dobras de seu traje e é queimado pelo fogo aceso por este, é declarado um tolo se ele se aflige por seus ferimentos. Tu mesmo, com teu filho,

com tuas palavras, atiçaste o fogo-Partha, e com sua avareza servindo de manteiga clarificada fizeste aquele fogo resplandecer a chamas ardentes. Quando aquele fogo se inflamou dessa maneira teus filhos caíram dentro dele como insetos. Não cabe a ti, no entanto, sofrer agora por eles que foram todos queimados no fogo das flechas do inimigo. O rosto manchado de lágrimas, ó rei, que exhibes agora não é aprovado pelas escrituras ou elogiado pelos sábios. Estas lágrimas, como faíscas de fogo, queimam os mortos pelos quais elas são derramadas. Mate tua tristeza com tua inteligência, e te mantenha firme com a força do teu próprio ser! Dessa maneira o rei foi confortado por Sanjaya de grande alma. Vidura então, ó opressor de inimigos, dirigiu-se novamente ao rei, mostrando grande inteligência.”

2

Vaisampayana disse, “Ouça, ó Janamejaya, as palavras como néctar que Vidura disse ao filho de Vichitravirya e pelas quais ele alegrou aquele touro entre homens!”

"Vidura disse, 'Levante, ó rei! Por que tu estás estirado no chão? Mantenha-te firme com teu próprio ser. Ó rei, este mesmo é o fim derradeiro de todas as criaturas vivas. Tudo reunido junto termina em destruição; tudo o que chega ao alto seguramente cairá. União seguramente terminará em separação; vida seguramente terminará em morte. O destruidor, ó Bharata, arrasta ambos o herói e o covarde. Por que então, ó touro entre Kshatriyas, (ele não arrastaria) Kshatriyas envolvidos em batalha? Aquele que não luta parece escapar com vida. Quando, no entanto, chega a hora de uma pessoa, ó rei, ela não pode escapar. Quanto às criaturas vivas, elas são inexistentes a princípio. Elas existem em um período que fica entremeio. Ao fim elas mais uma vez se tornam inexistentes. Que causa de angústia então há nisto? O homem que se entrega à dor não tem êxito em se reunir com os mortos. Por se entregar à dor, ele mesmo não morre. Quando tal é o rumo do mundo, por que tu cedes à tristeza? A morte arrasta todas as criaturas, até os deuses. Não há ninguém caro ou odioso para a morte, ó melhor dos Kurus! Como o vento arranca os topos de todas as folhas de grama, assim mesmo, ó touro da raça Bharata, a morte tem autoridade suprema sobre todas as criaturas. Todas as criaturas são como membros de uma caravana com destino ao mesmo lugar. (Como a morte encontrará todos) pouco importa quem ela encontra primeiro. Não cabe a ti, ó rei, sofrer por aqueles que foram mortos em batalha. Se as escrituras são alguma autoridade, todos eles obtiveram o fim mais sublime. Todos eles eram versados nos Vedas; todos eles tinham cumprido votos. Enfrentando o inimigo todos eles encontraram a morte. Que causa de angústia então há nisto? Invisíveis eles eram (antes do nascimento). Tendo vindo daquela região desconhecida, eles se tornaram mais uma vez invisíveis. Eles não são teus, nem tu és deles. Que tristeza então há em tal desaparecimento? Se morto, alguém ganha o céu. Por matar, fama é obtida. Ambos, com relação a nós, são produtivos de grande mérito. A batalha, portanto, não é inútil. Sem dúvida, Indra projetará para eles regiões capazes de conceder todos os desejos. Estes, ó touro

entre homens, se tornam os convidados de Indra. Os homens não podem, por sacrifícios com presentes abundantes, por penitências ascéticas ou erudição, ir tão depressa para o céu quanto os heróis mortos em batalha. Sobre os corpos dos heróis hostis constituindo o fogo sacrificial, eles despejaram suas libações de flechas. Possuidores de grande energia, eles tiveram em retorno que suportar as libações de flechas (despejadas sobre eles por seus inimigos). Eu te digo, ó rei, que para um Kshatriya neste mundo não há uma estrada melhor para o céu do que a batalha! Eles eram todos Kshatriyas de grande alma, possuidores de coragem, eles eram ornamentos de assembléias. Eles alcançaram um estado superior de bem-aventurança. Eles não são pessoas pelas quais nós devemos sofrer. Consolando a ti mesmo por ti mesmo pare de sofrer, ó touro entre homens! Não cabe a ti te permitir ser dominado pela tristeza e abandonar todas as ações. Há milhares de mães e pais e filhos e esposas neste mundo. De quem são eles, e de quem somos nós? Dia a dia surgem milhares de causas para a tristeza e milhares de causas para o medo. Essas, no entanto, afetam os ignorantes, mas são nada para aquele que é sábio. Não há ninguém caro ou odioso para o Tempo, ó melhor dos Kurus! O Tempo não é indiferente a ninguém. Tudo é igualmente arrastado pelo Tempo. O Tempo faz todas as criaturas crescerem, e é o Tempo que destrói tudo. Quando tudo mais está adormecido, o Tempo está desperto. O Tempo é irresistível. Juventude, beleza, vida, posses, saúde, e a companhia dos amigos, tudo é instável. Aquele que é sábio nunca cobiçará algum destes. Não cabe a ti sofrer pelo que é universal. Uma pessoa pode, por ceder à tristeza, ela mesma perecer, mas a própria tristeza, por se ceder a ela, nunca se torna leve. Se tu sentes que tua tristeza é pesada, ela deve ser neutralizada por não se entregar a ela. Este mesmo é o remédio para a tristeza: não se entregar a ela. Por insistir nela não se pode diminuí-la. Por outro lado, ela cresce com a indulgência. Após a vinda do mal ou após a perda de algo que é querido, somente aqueles que são de pouca inteligência permitem que suas mentes sejam atormentadas pela aflição. Não é nem Lucro, nem Religião, nem Felicidade, sobre o qual teu coração está se estendendo. A indulgência na aflição é o meio certo de se perder seus próprios objetos. Através dela uma pessoa se afasta dos três grandes objetivos da vida (religião, lucro, e prazer). Aqueles que são desprovidos de contentamento ficam estupefatos na acessão de vicissitudes dependentes da posse de riqueza. No entanto, aqueles que são sábios, por outro lado, não são afetados por tais vicissitudes. Deve-se matar a dor mental pela sabedoria, como a dor física deve ser morta pela medicina. A sabedoria tem este poder. No entanto, os que são tolos nunca podem obter tranquilidade de alma. As ações de uma vida anterior seguem um homem de perto, tanto que elas deitam ao lado dele quando ele deita, ficam de pé ao lado dele enquanto ele permanece de pé, e correm com ele quando ele corre. Naquelas condições de vida nas quais alguém age bem ou mal, ele desfruta ou sofre o resultado disso em condições similares. Naquelas formas (de organização física) nas quais alguém realiza ações específicas, ele desfruta ou sofre os resultados disso em formas parecidas. A própria pessoa é seu próprio amigo, como, de fato, a própria pessoa é seu próprio inimigo. A própria pessoa é a testemunha de seus atos, bons e maus. De boas ações surge um estado de felicidade, de atos pecaminosos surge a dor. Uma pessoa sempre obtém os resultados de seus atos. Alguém nunca desfruta ou sofre angústia ou dor que não

seja o resultado de seus próprios atos. Pessoas inteligentes como tu, ó rei, nunca afundam em enormidades pecaminosas que são desaprovadas pelo conhecimento e que golpeiam a própria raiz (da virtude e felicidade).”

3

“Dhritarashtra disse, ‘Ó tu de grande sabedoria, minha tristeza foi dissipada pelas tuas palavras excelentes! Eu desejo, no entanto, te ouvir falar outra vez. Como, de fato, aqueles que são sábios se livram da dor mental nascida da vinda de males e da perda de objetos que são caros?’”

“Vidura disse, ‘Aquele que é sábio obtém tranquilidade por subjugar ambos, tristeza e alegria, através de meios pelos quais se pode escapar da tristeza e alegria. Todas aquelas coisas sobre as quais nós somos ansiosos, ó touro entre homens, são efêmeras. O mundo é como uma bananeira, sem vigor permanente. Já que os sábios e os tolos, os ricos e os pobres, todos, livres de suas ansiedades, dormem no crematório, com corpos privados de carne e cheios de ossos expostos e tendões enrugados, quem entre eles os sobreviventes considerarão como possuidor de marcas características pelas quais os atributos de nascimento e beleza possam ser averiguados? (Quando tudo é igual na morte) por que deveriam os seres humanos, cujas mentes são sempre enganadas (pelas coisas deste mundo) cobiçar o posto e a posição uns dos outros? Os eruditos dizem que os corpos dos homens são como casas. Com o tempo estas são destruídas. Há um ser, no entanto, que é eterno. Como uma pessoa, rejeitando um traje, velho ou novo, veste outro, tal é o caso dos corpos de todos os seres incorporados. Ó filho de Vichitravirya, as criaturas obtêm angústia ou dor como o resultado de suas próprias ações. Através de seus atos elas obtêm o céu, ó Bharata, ou felicidade, ou dor. Capazes ou incapazes, elas tem que suportar suas cargas as quais são o resultado de suas próprias ações. Como entre vasos de barro alguns quebram ainda na roda do ceramista, alguns enquanto parcialmente moldados, alguns logo que formados, alguns depois de removidos da roda, alguns ao longo da remoção, alguns depois da remoção, alguns enquanto molhados, alguns enquanto secos, alguns enquanto sendo queimados, alguns enquanto sendo removidos do forno, algum depois da remoção do forno, e alguns enquanto sendo usados, exatamente esse é o caso dos corpos das criaturas incorporadas. Alguns são destruídos enquanto ainda no útero, alguns depois de saírem do útero, alguns no dia seguinte, alguns na expiração de uma quinzena ou de um mês, algum no término de um ano ou de dois anos, alguns na juventude, alguns na meia-idade, e alguns quando velhos. As criaturas são nascidas ou destruídas de acordo com suas ações em vidas anteriores. Quando tal é o rumo do mundo, por que você então se entrega à aflição? Como os homens, enquanto nadando se divertindo na água, às vezes afundam e às vezes emergem, ó rei, assim mesmo as criaturas afundam e emergem no rio da vida. Aqueles que tem pouca sabedoria sofrem ou encontram destruição como o resultado de suas próprias ações. Aqueles, no entanto, que são sábios, observadores de virtude, e desejosos de fazer o bem para todas as criaturas vivas, eles, familiarizados com a real natureza

do aparecimento das criaturas neste mundo, ao final alcançam o fim mais sublime.”

4

"Dhritarashtra disse, 'Ó principal dos oradores, como pode a selva deste mundo ser conhecida? Eu desejo saber isto. Perguntado por mim, diga-me.'"

"Vidura disse, 'Eu descreverei para ti todas as ações das criaturas desde a sua primeira concepção. No início o ser vive na mistura de sangue e do fluido vital. Então ele cresce pouco a pouco. Então no término do quinto mês ele assume forma. Ele em seguida se torna um feto com todos os seus membros completos, e vive em um lugar muito impuro, coberto com carne e sangue. Então, pela ação do vento, seus membros inferiores são virados para cima e a cabeça vem para baixo. Chegando nesta postura na boca do útero, ele sofre diversas dores. Por consequência das contrações do útero, a criatura então sai dele, dotada dos resultados de todas as suas ações prévias. Ele então encontra neste mundo outros males que avançam em direção a ele. As calamidades procedem em direção a ele como cães ao cheiro da carne. Em seguida diversas doenças se aproximam dele enquanto ele está acorrentado por suas ações anteriores. Atado pelas correntes dos sentidos e mulheres e riquezas e outras coisas doces da vida, diversas práticas más também se aproximam dele então, ó rei! Apanhado por estas, ele nunca obtém felicidade. Nessa época ele não tem êxito em obter o resultado de suas ações, boas ou más. Aqueles, no entanto, que fixam seus corações na reflexão conseguem proteger suas almas. A pessoa governada por seus sentidos não sabe que a morte vem à sua porta. Finalmente, arrastado pelos mensageiros do Destruidor, ele encontra a destruição no tempo estabelecido. Agitado por seus sentidos, por qualquer bem ou mal que tenha sido feito no início, e desfrutando ou sofrendo os frutos destes, ele uma vez mais se torna indiferente às suas ações de auto-massacre. Ai, o mundo é enganado, e a avareza o traz sob seu domínio. Privada de discernimento pela avareza, raiva, e medo, uma pessoa não conhece a si mesma. Cheia de alegria por sua própria respeitabilidade de nascimento, uma pessoa é vista difamando aquelas que não são nobres de nascimento. Inchado também com orgulho de riqueza, alguém é visto desprezando os pobres. Alguém considera outros como tolos ignorantes, mas raramente faz uma avaliação de si mesmo. Alguém atribui falhas a outros, mas nunca deseja punir a si mesmo. Já que os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os nobres de nascimento e os de nascimento humilde, os honrados e os desonrados, todos vão para o lugar dos mortos e dormem lá livres de toda ansiedade, com corpos privados de carne e cheios somente de ossos unidos por tendões completamente secos, quem entre eles os sobreviventes considerariam como distintos acima dos outros e por quais sinais eles averiguariam os atributos de nascimento e beleza? Quando todos, esticados da mesma maneira, dormem no solo nu, por que então deveriam os homens, abandonando sua sabedoria, desejar enganar uns aos outros? Aquele que, olhando este ditado (nas escrituras) com seus próprios olhos ou o ouvindo de outros, pratica a virtude neste mundo de

vida instável e adere a esta desde cedo alcança o fim mais sublime. Aprendendo tudo isso, aquele que adere à Verdade, ó rei, consegue atravessar todos os caminhos.”

5

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me em detalhes tudo sobre os caminhos daquele conhecimento pelo qual esta selva de deveres pode ser seguramente coberta.'

"Vidura disse, 'Tendo reverenciado o Auto-criado eu obedecerei tua ordem por te dizer como os grandes sábios falam da selva da vida. Certo brahmana, vivendo no grande mundo, se encontrou em uma ocasião em uma floresta inacessível, grande e cheia de animais predadores. Ela abundava por toda parte com leões e outros animais parecidos com elefantes, todos os quais estavam empenhados em rugir alto. Tal era o aspecto daquela floresta que o próprio Yama se assustaria nela. Contemplando a floresta, o coração do brahmana ficou extremamente agitado. Seu cabelo se arrepiou, e outros sinais de medo se manifestaram, ó destruidor de inimigos! Entrando nela, ele começou a correr para lá e para cá, lançando seus olhos em todos os pontos do horizonte para descobrir alguém cuja proteção ele pudesse procurar. Desejando evitar aquelas criaturas terríveis, ele correu apavorado. Ele não conseguiu, no entanto, se distanciar delas ou se livrar de sua presença. Ele então viu que aquela floresta terrível era cercada por uma rede, e que uma mulher terrível ficava lá, esticando seus braços. Aquela grande floresta era também rodeada por muitas cobras de cinco cabeças e de formas terríveis, altas como colinas e tocando o próprio céu. Dentro dela tinha uma cova cuja boca estava coberta com muitas trepadeiras e ervas firmes e inflexíveis. O brahmana, enquanto vagava, caiu naquele buraco invisível. Ele ficou emaranhado naqueles aglomerados de trepadeiras que eram entrelaçados um com os outros, como uma grande fruta de uma jaqueira pendurada por seu caule. Ele continuou pendurado lá, pés para cima e cabeça para baixo. Enquanto ele estava naquela posição, diversas outras calamidades o alcançaram. Ele viu uma cobra grande e forte dentro do buraco. Ele também viu um elefante gigantesco perto da entrada dele. Aquele elefante, de cor escura, tinha seis faces e doze pés. E o animal gradualmente se aproximava daquela cova coberta com trepadeiras e árvores. Sobre os gravetos da árvore (que ficava na abertura da cova), vagavam muitas abelhas de formas terríveis, empenhadas desde antes em beber o mel colhido em seus favos sobre os quais elas enxamearam em grande número. Repetidamente elas desejavam, ó touro da raça Bharata, provar aquele mel que embora doce para todas as criaturas, podia, no entanto, atrair somente as crianças. O mel (coletado nos favos) caía em muitos jatos. A pessoa que estava pendurada na cova bebia continuamente aqueles jatos. Empenhada, em tal situação lamentável, em beber aquele mel, sua sede, no entanto, não podia ser mitigada. Insatisfeita com tais goles repetidos, a pessoa desejava mais. Mesmo assim, ó rei, ele não se tornou indiferente à vida. Mesmo lá, o homem continuou a esperar pela existência. Vários ratos pretos e brancos estavam roendo as raízes daquela árvore. Havia o medo dos animais predadores, daquela mulher feroz nos arredores daquela

floresta, daquela cobra no fundo do poço, daquele elefante perto de seu topo, da queda da árvore pela ação dos ratos, e por fim daquelas abelhas voando por perto para experimentar o mel. Naquela situação ele continuou a viver, privado de sua razão, naquela selva, nunca perdendo em nenhum momento a esperança de prolongar sua vida.”

6

"Dhritarashtra disse, 'Ai, grande era a desgraça daquela pessoa e muito doloroso seu modo de vida! Diga-me, ó principal dos oradores, de onde vinha seu apego à vida e sua felicidade? Onde é aquela região, tão desfavorável para a prática de virtude, na qual aquela pessoa reside? Oh, me diga, como aquele homem será libertado de todos aqueles grandes terrores? Diga-me tudo isso! Nós então nós nos esforçaremos devidamente por ele. Minha compaixão foi muito incitada pelas dificuldades que se encontram no caminho de seu salvamento!'"

"Vidura disse, 'Aqueles que estão familiarizados, ó monarca, com a religião de moksha citam isto como um símile. Compreendendo isto devidamente, uma pessoa pode obter felicidade nas regiões futuras. Aquilo que é descrito como a selva é o grande mundo. A floresta inacessível dentro dela é a esfera limitada da própria vida de uma pessoa. Aqueles que foram citados como animais predadores são as doenças (às quais nós estamos sujeitos). A mulher de proporções gigantescas residindo na floresta é identificada pelos sábios com a Decrepitude que destrói aparência e beleza. O que foi falado como a cova é o corpo ou a moldura física das criaturas incorporadas. A enorme cobra residindo no fundo daquela cova é o tempo, o destruidor de todas as criaturas incorporadas. Ele é, de fato, o destruidor universal. O feixe de trepadeiras crescendo naquela cova e em cujos caules espalhados o homem está pendurado é o desejo pela vida que é nutrido por todas as criaturas. O elefante de seis faces, ó rei, que procede em direção à árvore que fica na boca da cova é citado como o ano. Seus seis rostos são as estações e seus doze pés são os doze meses. Os ratos e as cobras que estão cortando a árvore são os dias e as noites que estão diminuindo constantemente os períodos de vida de todas as criaturas. Os que são descritos como abelhas são os nossos desejos. Os jatos numerosos que estão gotejando mel são os prazeres derivados da satisfação de nossos desejos e nos quais os homens são vistos serem fortemente viciados. Os sábios sabem que tal é o curso da vida. Através desse conhecimento eles conseguem romper seus grilhões.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Excelente é esta parábola que tu narraste! De fato, tu conheces a verdade! Tendo escutado as tuas palavras como néctar, eu desejo ouvir mais de ti.'"

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

